

Congresso dos Irreais, Museu de Arte do Rio - MAR: Tá Tudo Errado

Por Laura Burocco

No dia 25 de Junho O MAR vai hospedar um Congresso, escrito em capital letters que, segundo o convite, pretende

*“ Nos reuniremos em busca de respostas para as seguintes perguntas:
como viver no capitalismo sem dinheiro?
Quais outras organizações de formas de produção, consumo e troca podemos considerar atualmente como possíveis e desejáveis?”*

O encontro – continua o convite - acontecerá na sala 2.2 da Escola do Olhar do Museu de Arte do Rio. O artista mexicano José Miguel Casanova desenvolve desde Março uma ação intitulada "Como viver no capitalismo sem dinheiro?" hospedado no Museu de Arte do Rio MAR na cidade de Rio de Janeiro.

Existem diferentes níveis de problematidade nesta proposta.

Sem duvida um titulo cativante que usa uma linguagem de branding típico de espaços como aquele que hospeda esta “ação.” Iguamente cativantes, em termos monetários, aparecem os logos que acompanham a ação:



Aparece quanto menos questionável a intenção de discutir como viver sem dinheiro através de um projeto que, além de ser hospedado em uma das instituições símbolo da forma desigual e excludente que a cidade do Rio de Janeiro esta se desenvolvendo, encontra uma “concepção e realização” assinada – entre outras - por RIO Cidade Olímpica, Fundação Roberto Marinho, Concessionaria Porto Maravilha. Para piorar ainda mais, a manutenção (mantenedor) é da responsabilidade do Grupo Globo. Eu diria que o projeto encontraria um titulo melhor em “Como viver no capitalismo com dinheiro.”

A proposta é de discutir outras formas de produção, consumo e troca, de habitação a mobilidade, de educação a alimentação, tudo isto tendo como cenário o novo Porto Maravilha aonde o MAR se situa. Sem querer me aprofundar em cada ponto que este “Congresso” quer debater gostaria levantar alguns pontos de reflexão por cada itens.

Produção: o porto do Rio esta passando por um intenso processo de transformação urbana que pode ser definido como causa/efeito de uma radical mudança das formas de trabalho. Uma área dedicada à economia portuária e umas pequenas atividades (principalmente de gráfica) vem sendo transformada em um “distrito criativo” e polo turístico. O resultado é o desaparecimento das originais atividades econômicas e a implementação de equipamentos urbanos típicos de projetos de regeneração urbana que visam ao desenvolvimento econômico-cultural da área. O MAR é o primeiro deste equipamentos, seguido pelo Museu do Amanha e a seguir o Aquário do Rio.



Consumo: a transformação da vocação produtiva determina uma evidente mudança nos hábitos de consumo local e um tangível aumento dos preços. Trata-se do clássico fenômeno de gentrificação aonde classes mais pobres são substituídas (através de diferentes formas de remoção) por classes sociais mais abastadas. Um processo que gostaria aqui recalcar não apenas do ponto de vista econômico mas também simbólico civilizatório. O consumo das pessoas que vem a frequentar a nova área portuária (o Porto Maravilha) não pode mais ser aquele consumo informal que era bem característico da área mas precisa ser adaptado aos padrões de consumo global. Assistimos a uma volta ao projeto civilizatório da Reforma Passos nos primeiros do século XX. A cidade Olímpica não tem mais espaço pela “malandragem.” O mesmo prefeito, com grande irritação dos residentes definiu - numa entrevista em ocasião da inauguração da nova Praça Mauá - a área portuária como uma área de malandros (e putas).



Habitação: Obviamente os direitos de moradias estão sendo atingidos também. Apesar de não estar ainda propriamente assistindo a uma intensa transformação da tipologia dos moradores da área portuária (a exceção do Morro da Conceição) é porem visível uma mudança em termos de usuários. Os imóveis da área estão registrando um aumento do valor (seja por comprar que para alugar) que deixa imaginar a breve termo o tipo de desenvolvimento. O que se torna interessante é ver como a comunidade originaria muitas vezes é a única a não se beneficiar da valorização do entorno. Não surpreende que a Conferência do Plano Habitacional de Interesse Social do Porto PHIS organizada pela Companhia de Desenvolvimento Urbanístico da Região Portuária CDURP junto com a Secretaria Municipal de Habitação SMH do Rio em Agosto de 2015, apesar de acontecer uma semana depois do lançamento do Distrito Criativo (no MAR) não criou nenhuma possibilidade real de interação entre as duas formas de desenvolvimento futuro da região. Pelo contrario, teve limitadas formas de participação dos residentes e uma conduta, por parte da CDURP (através do auxilio dos estivadores) quase ameaçadora, garantindo que nenhuma critica pudesse ser levantada.



Mobilidade: A mobilidade da cidade do Rio está passando, ela também, por profundas transformações. Algumas delas de tipo claramente racista e elitistas (chamaria de fascistas) dando continuidade aquele projeto não apenas civilizador mas também controlador disfarçado atrás da intenção de “racionalizar” as linhas de ônibus que ligam a zona norte ao sul da cidade. No Porto mais visível a obra mais visível é a implementação do Veículo Leves sobre Trilhos VLT. Admito que esta é uma das poucas, se não a única, obra que me parece ter algum sentido dentro de tudo o que está programado na cidade. Mas vale a pena se perguntar quantos e - mais uma vez - quem são os beneficiários desta obra. Levanta-se também a pergunta sobre a possibilidade de realizar esta obra de forma mais respeitosa das pessoas que ao longo deste trilho vivem e tem (ou tinham) as próprias atividades econômicas. Torna-se evidente a disparidade de tratamento por parte da Prefeitura do Rio em conduzir as obras em diferentes bairros da cidade.



Figura 1 Obras VLT Gamboa - Obras Metro Leblon , 2016

Alimentação: Dentro da civilização dos padrões de consumo e de hábitos entra também a limpeza dos hábitos alimentares. Se até uns anos atrás existia “comida de rua” agora está sendo substituída por “comida de truck.” Trata-se de um fenômeno mundial aonde a velha barraca de comida cede espaço ao “food truck” que encontra na pronúncia brasileira a perfeita tradução “food truque” sinônimo de artifício, imitação. O “fast food” saindo na rua com uma imagem “truque” de comida caseira ou, ainda pior de alimentação *hipster* biológica. Apesar deste fenômeno ser um dado objetivo mundialmente reconhecível, torna-se particularmente grave considerando o desenvolvimento relacionado à Economia Solidária no Estado e na Prefeitura do Rio de Janeiro. As Rede de Economia Solidária visava ao desenvolvimento econômico de atores informais (e menos capacitados) e queria se propor como uma alternativa as regras de concorrência típicas do mercado. Os *Food Trucks* são exatamente um dos efeitos do mercado global.



Depois de contextualizar o território seja físico que simbólico, aonde o projeto se coloca queria entrar no específico do que se torna problemático neste projeto. Que tipo de troca este projeto quer propor? A partir de onde?

É uma troca exploratória, as vezes auto exploratória, sempre mais típica dentro do trabalho intelectual e cognitivo. Num mundo aonde estamos sempre mais explorados, intelectualmente, fisicamente emotivamente, nada surpreende na proposta de uma ação artística criativa ofensiva da realidade do local e exploratória (auto-exploratória) das capacidades das pessoas. O que surpreende são as razões que levam as pessoas a se entregar a estas dinâmicas.

Intelectuais, com sensibilidade artística/ativista/contestadora (faz sempre mais horror a palavra *ativismo*) se reúnem no MAR num dia de sábado, para *gastar* o dia (lembrando que o tempo é dinheiro e o ócio tem um valor sempre mais inestimável) falando de como viver num mundo capitalista sem dinheiro, tendo eles de não se preocupar demais com alimentação, mobilidade, habitação e dinheiro (até se, as vezes, pouco). Estes intelectuais cheios de referências teóricas e doutrinas de arte e economia se misturam com pessoas ordinárias que, por acaso (quantas?) chegam ao MAR num sábado de tarde. A partir deste tanto desejado (e irreal) “*social mix*” se determinam os índices de justificativa do projeto. Atendimento do resultado, leia-se possibilidade de próximos financiamentos (X atingido); Participação local (X atingido); Debate público (X atingido); Produção de material áudio e visual (X atingido). Um projeto pedagógico/educativo de uma Escola do Olhar (privada) financiada Secretaria de Educação do Município ao mesmo tempo que a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (pública) está a anos esperando apoio financeiro por parte do Governo Federal. Tudo isto dentro de um contexto econômico cultural da atual cidade do Rio e do inteiro Brasil que torna o título desta ação – seja pelo Congresso, seja pelo Banco - uma piada de mal gosto.

O que está então atrás desta ação intitulada "Como viver no capitalismo sem dinheiro?" Um processo de limpeza de processos de violação dos territórios implementando através de uma proposta pedagógica educativa civilizatória revolta às comunidades “barbaras” aonde se desenvolvem.

Obviamente a entrada é gratuita e aberta ao público. No final o que se requer não é a real participação das pessoas mas o número delas. Assim como na Conferência do PHIS, o importante é satisfazer os termos da justificativa e demonstrar a existência de um processo participativo. A verdadeira atividade no Banco dos Irreais é garantida pela “*colaboração de cem convidados de relevância reconhecida em suas áreas do conhecimento, a quem pagaremos por suas horas oferecidas o valor de três Irreais*” uma moeda que não tem valor. Mas qual seria a importância disto, sendo que estamos querendo viver sem dinheiro em um mundo capitalista dentro do MAR? Está tudo errado.

No evento Face Book que convida ao “Congresso” no próximo sábado dia 24 de Junho de 2016 vejo vários conhecidos, acadêmicos, artistas, ativistas, polêmicos que confirmaram presença. Me pergunto o que leva estas pessoas à participação. Ao mesmo tempo penso que o projeto, pelas numerosas questões que levanta, seja uma ótima ocasião por levantar um próprio debate mas tenho medo que, ainda mais uma vez, esta ocasião será perdida. A colaboração entre instituições culturais, artistas, urbanistas e investidores

particulares na criação de um novo território é uma prática relativamente comum em todo o mundo. Estas intervenções lidam com diferentes questões. Trata-se não apenas do modelo clássico de gentrificação, onde a comunidade de artistas são a causa da remoção física de pessoas de baixa renda, mas envolve também, e mais profundamente, as formas de como as políticas culturais cruzam com os processos de reestruturação urbana e de como se tornam não apenas colaboradores, mas também antídotos para o conflito que normalmente envolve a reestruturação do espaço urbano. Envolve-se profundamente com o significado da participação em performance e projetos em territórios conflitais através do entendimento das razões que movem a decisão dos artistas (ou intelectuais) de intervir nestes espaços. Questiona-se a razão pela qual arte pública pode ser percebida como um aspecto da dominação cultural e pode se tornar um elemento problemático seja em relação à criação de instrumentos de inclusão, seja em relação à uma suposta função de denúncia da arte.

Em anos recentes é sempre mais comum ter perspectivas desafiadoras sobre a questão urbana proveniente do trabalho de artistas e profissionais da cultura. Mas os artistas "parecem menos preocupados com a representação de questões políticas do que com a intervenção nos espaços urbanos- perdendo assim a oportunidade de questionar, redefinir e contestar a função de normas e ideologias predominantes, para criar novos significados, experiências, entendimentos, relacionamentos e situações" (Pinder, em tradução livre). É importante questionar a ideia de que artistas e instituições de arte têm sido usados - ou já são cúmplices (intencionalmente ou não) - na renegociação do significado do espaço urbano e na redefinição da identidade urbana principalmente por parte das elites.

"Os liberais são felizes de celebrar os artistas, ou ainda melhor," os criativo " esse grupo amorfo de cervejeiros, padeiros, agricultores urbanos e baristas - desde que suas festas e celebrações podem ser patrocinadas por bancos, empresas e fundações e os seus esforços possam ser civicamente anunciado (*branded*). Institutos de arquitetura realizam reuniões e publicam boletins divulgando cidades "habitáveis". Instituições de arte beneficiam da atenção dos órgãos governamentais e das fundações, mas também vale a pena considerar os custos." (Rosler, em tradução livre)

Esta não é a imagem que a maioria de nós artistas, curadores, críticos, deseja reconhecer mas "artistas tendem a concordar em se emprestar eles mesmos, emprestar as próprias energia e habilidades para uma melhoria social, um sonho utópico, mas sem necessariamente se colocar como participantes dentro dos quadros institucionalizados sancionados "(Rosler, em tradução livre). A arte pode ser um ativador urbano, mas também pode ser utilizado como um dispositivo de *embourgeoisement*, de controle urbano e de silenciamento. A questão sobre a criatividade e intervenções artísticos deixa claro que estamos falando de formas de vida, aspirações, decisões e poder. Pode oferecer a possibilidade de compreender um campo expandido de práticas criativas que não olham à arte exclusivamente como um objeto, mas - em uma intenção descolonizadora - como uma importante ferramenta de resistência à homogeneização e pacificação da experiência urbana imposta pelo modelo capitalista em torno da mundo globalizado.

CONGRESSO DOS IRREAIS – Como viver no capitalismo sem dinheiro?

25 de Junho, sábado – Das 13.30 as 18 na sala 2.2 da Escola do Olhar do MAR

Entrada gratuita

Referencias:

DAVID PINDER, Urban Interventions: Art, Politics and Pedagogy International Journal of Urban and Regional Research, Volume 32, Issue 3, pages 730–736, September 2008;

MARTHA ROSLER, The Artistic Mode of Revolution: From Gentrification to Occupation, e-flux 2012 available online <http://www.e-flux.com/journal/the-artistic-mode-of-revolution-from-gentrification-to-occupation/>